

RECADO DE PARIS

Paris, setembro — Caminha debaldágua, esta primeira quinzena de setembro. São belas, mas tristes, essas folhas que enferrujam, essas árvores ficando ruivas. E o vento às vêzes é frio.

Como é de tradição, o embaixador convidou toda a colônia no 7 de setembro. Eu ainda não conhecia o belo palácio do boulevard Victor Hugo, em Neuilly. O sr. Carlos de Ouro Preto pegou o que meu amigo Dante Viggiani chama uma boa casa: havia algumas centenas de brasileiros, desde a bela princesa loura chamada Tereza, que talvez seja francesa, até o professor Castro Rebelo, que certamente é baiano. Um grupo numeroso de médicos que vieram para os congressos de criminologia e psiquiatria, quasi sempre com suas esposas. O poeta Augusto Frederico Schmidt e senhora convidavam a senhorita Marilú Montenegro para uma peregrinação (prussiana) a Combray. Alguém propôs um "bolo" em torno da eleição presidencial, mas um funcionário em comissão explicou suave e cautamente que não conyinha; muita gente prefere não dizer qual o candidato de sua preferência. Alguém lembrou que o "bolo" não diria preferências, mas sim previsões — mas a idéia morreu por aí mesmo, e, como era o Dia da Patria, todos resolveram patrioticamente manifestar plena confiança no povo brasileiro residente no Brasil nesse delicado assunto — o que foi aprovado com (minhas) restrições.

Confiar desconfiando sempre, ou melhor; mais amor e menos confiança. Sobre o que, uma senhora sugeriu que se fizesse a seguir uma notada "bem parisiense", o que suscitou olhares interrogativos, sendo que alguns (de peregrinos mineiros) bastante alarmados e outros (também de peregrinos mineiros) muito brilhantes.

Afinal todos se retiraram em grupos, sendo que um deles, do qual fazia parte o repórter, foi comer um bife com fritas, o que afinal de contas não deixa de ser bem parisiense.

22.9.50

R. B.